

Universidade e redes organizacionais como novas formas de se fazer política

Fernanda de Almeida – IFCH – Unicamp

SANTOS, Boaventura de Souza. **O Fórum social mundial**: manual de uso. Porto Alegre: Afrontamento, 2005.

Entre os anos de 2003 e 2005 muitos se publicou a respeito do Fórum Social Mundial (e.g. Whitaker, Candido Leite, Gryzbowski, Barnard Cassen, etc). No entanto, nenhuma delas realizou uma análise tão aprofundada do evento, como o fez Boaventura de Souza Santos no livro “Fórum Social Mundial: manual de uso”, comentado na presente resenha. Para tanto, nos concentraremos em realizar uma análise da citada obra, procurando privilegiar a figura do Fórum, como o fez o autor, enquanto um norteador empírico. É com brilhantismo que o autor analisa, relata e compara os desdobramentos racionais e utópicos a respeito do Fórum.

Teórico dos saberes, Boaventura nos leva á reviver muitos de seus conceitos e teorias concatenados no caso do Fórum Social Mundial. Para tanto, usará de recursos conceituais há muito discutidos em outras obras de sua autoria, e que serão aqui abordados em relação ao Fórum, são eles: ecologia dos saberes, novidade no campo político e, as redes como novas alternativas de organização.

O Fórum Social Mundial (FSM), nas palavras de Boaventura: “é um fenômeno social e político novo” (p. 09), na medida em que, não é nem um evento, nem um movimento social, mas um encontro que visa à facilitação das decisões dos movimentos e das organizações que dele participam, que pode ser entendido como um conjunto de iniciativas e intercâmbios de conhecimentos e práticas entre atores políticos (como ONGs e movimentos sociais).

Caminhando para sua oitava edição, o FSM, vem agregando atores do eixo Norte/Sul¹, o que tem estimulado e facilitado o diálogo entre as novas e as velhas interrelações no campo da política, onde, o nascimento, gestão e a negociação de tensões entre países do Norte e do Sul vem se mostrando bastante

1 Todas as suas edições até então, vêm sendo sediadas por países do Sul, como o Brasil, Venezuela, Índia, Quênia.

interessantes. Nesse contexto, o autor nos apresenta o Sul como uma região na qual os problemas de desigualdades sociais, políticas e culturais são evidentes, diferentemente do que é encontrado nos países do Norte.

Contudo, graças às participações (através das ONGs e movimentos sociais com sede nos países do Norte) nos FSM e nos Fóruns por todo o mundo, o diálogo intercultural e o debate contra-hegemônico têm podido ser levados a cabo. E, são justamente as características que definem essas desigualdades, os fatores que vem marcando ano após ano às reuniões do Fórum.

Ao longo de suas edições o FSM tem sido identificado com um conjunto amplo de experiências compartilhadas e na reprodução de suas edições em pequenos fóruns paralelos, como o Fórum das Autoridades Locais, o Fórum Mundial da Juventude, o Fórum da Diversidade Sexual, Fórum de Juizes, etc. que acentuam essa relação Norte/Sul também em um âmbito de troca de interesses. Uma característica marcante no FSM que Boaventura observará atentamente é a maneira como através do FSM, a troca de experiências e a articulação de alternativas políticas se dão mediadas pela Carta de Princípios, um documento que, enquanto garante que todos os Fóruns sigam as mesmas tendências organizacionais, também admite as tendências contra-hegemônicas dos atores que participam do FSM, e é precisamente a luta e propostas contra-hegemônicas que estão no bojo do FSM que levaram Boaventura a pensar sobre uma nova proposta de conhecimento e racionalidade política. Nesse sentido, podemos dizer que a leitura de Boaventura acerca do FSM se dará sobre duas plataformas: a das novas alternativas políticas, e a égide epistemológica da construção de um 'novo mundo'.

NOVA FORMA DE SE FAZER POLÍTICA

Boaventura propõe em seu livro apresentar o Fórum Social Mundial como uma alternativa para a globalização neoliberal. Para tanto, o autor sugere que se realize uma reflexão sobre a estrutura organizacional do Fórum e sobre o histórico de suas edições no Brasil e Índia, de modo que se possam perceber as redes organizacionais como arcabouços metodológicos e organizacionais bastante produtivos.

Como dito anteriormente, o FSM não se restringe aos seus encontros anuais, antes se reproduz na infinidade de outros Fóruns temáticos que carregam sua bandeira. Sendo assim, podemos pensar em tal processo de representação do FSM como um espelhamento positivo de uma estrutura organizacional que tem gerado resultados igualmente positivos dentro do âmbito político que o FSM se propõe a cumprir. Sempre tendo em mente que: “é consensual atribuir a novidade do FSM à ausência de líderes e

de organização hierarquizada, á ênfase que coloca nas redes do ciberespaço, ao seu ideal de democracia participativa, á sua flexibilidade e á prontidão com que se empenha na experimentação” (p.111).

Nesse sentido, a organização em rede garante ao Fórum uma novidade política que extirpa as relações verticais, aceita novos valores e visões de mundo (que não somente as hegemônicas) e, sobretudo, não propõe nada em seu nome, antes deixa que seus participantes sejam autônomos em suas proposições. Esse novo modo de se fazer política para o autor é o grande passo que rompe com a velha relação Norte/Sul, na medida em que coloca os atores no mesmo plano dialógico, o que abre aos mesmos uma nova perspectiva de negociação.

ECOLOGIA DOS SABERES

Boaventura observou atentamente a questão da pluralidade de visões de mundo e a “celebração da diversidade” como duas das características mais marcantes do Fórum. A temática da “ecologia dos saberes” se une á essas variáveis como um conceito explicativo do conjunto de iniciativas e intercâmbios próprios dos participantes do Fórum. Nesse sentido, a “ecologia dos saberes” pode ser definida como a promoção dos diálogos entre as mais diversas visões de mundo e a visão hegemônica controlada pelo rigor científico, as quais podem ser confrontadas através da identificação entre as práticas sociais.

Tendo em mente essa noção de pluralidade de conhecimentos, Boaventura, lança mão do conceito de sociologia das ausências e propõe que a “monocultura do conhecimento científico” possa ser substituída por uma “ecologia dos saberes”, tal como definida acima.

Assim sendo, o objetivo desta “ecologia” seria estimular o intercâmbio entre o conhecimento científico e os “outros conhecimentos”, de forma a incitar a busca por um equilíbrio entre a modernidade (representada na figura do saber científico) e a tradição (representada na figura dos outros conhecimentos). Dessa maneira, na proposta de Boaventura, a Universidade seria o nivelador dessas duas visões, e protagonista na formação de um conhecimento contra-hegemônico, no qual os conhecimentos são compartilhados para além da estrutura rígida da racionalidade ocidental.

Algo que não podemos nos esquecer quando avaliamos as propostas de Boaventura sobre a criação de uma Universidade e sobre as novas estruturas organizacionais e políticas do Fórum: é que a própria cultura política de esquerda do Fórum sempre estará embebida dessa relação hegemônica entre Norte (rico) e Sul (pobre), o que os impediria de pensar para além da utopia “um outro mundo é possível” e propor plataformas de ação contra essa estrutura. Nesse sentido, tanto suas relações internas e decisões políticas não se dão no nível horizontal, antes são controladas por algumas organizações, muitas

das quais os recursos com que trabalham advêm dos países do Norte. Além disso, as decisões que advêm do Fórum não podem adquirir qualquer efeito, na medida em que sua própria Carta de Princípios os impede de tanto. A proposta da Universidade, nesse sentido, cai por terra ou se coloca apenas como mais uma das muitas utopias do Fórum.

Para além das ressalvas acima apontadas, a obra analisada é de fundamental importância para um exame específico do Fórum Social Mundial, na medida em que intensamente utiliza-se das bases de dados estatísticos do IBASE sobre o FSM e, através dessa ferramenta de pesquisa consegue captar a essência do mesmo, analisando o perfil dos participantes, propostas, posicionamentos políticos, agenda e, contudo isso, pensar acerca dos possíveis caminhos futuros para o Fórum.